

Elucidação filosófica e atividade analítica*

Wenceslao J. González**

Tradução: Itamar Luís Gelain***

Revisão: Jaimir Conte****

A tentativa de proporcionar uma caracterização da natureza geral da filosofia junto com a busca de respostas – a partir de uma perspectiva analítica – a uma série de problemas filosóficos básicos constituem elementos centrais do novo livro, *Analysis and Metaphysics*,¹ de P. F. Strawson. Com efeito, ele aborda questões nucleares, desde como entender a tarefa do filósofo até a dualidade liberdade-necessidade. Estuda as características da “análise”, as relações entre experiência sensorial e objetos materiais, o papel do interior e do exterior – o mental e o empírico –, a relação entre verdade e conhecimento, a compreensão do significado e o papel da causalidade na explicação. Para realizar esta investigação, a tarefa metafísica se engaja com a análise filosófica da linguagem, entendida em sentido amplo. “Análise” e “Metafísica” distinguem-se em suas abordagens pelo maior afã de generalidade da tarefa metafísica.

Compõe o livro um conjunto de dez capítulos que, com exceção de *Causation and Explanation* e *Liberty and Necessity*, publicados respectivamente em 1985² e em 1983³, não haviam ainda aparecido em versão original. Em compensação, com exceção de algumas partes do texto (principalmente do capítulo 8), o conteúdo já era conhecido por ter sido

* GONZÁLEZ. W. J. **Elucidación filosófica y actividad analítica**. *Daimon*, v. 5, 1992, p. 201-210.

** Wenceslao J. González neste momento era Professor Titular do Departamento de Filosofia e Lógica da Universidade de Murcia/Espanha. Agora é Catedrático na Universidade de La Coruña/Espanha: wenglez@udc.es.

*** Professor no Centro Universitário – Católica de Santa Catarina/ CATÓLICASC. E-mail: itamarluís@gmail.com.

**** Professor do Departamento de Filosofia da UFSC. E-mail: conte@cfh.ufsc.br.

1 STRAWSON, P. F. *Analysis and Metaphysics*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

2 Cf. VERMAZEN, B.; HINTIKKA, M. B. (Eds). *Essays on Davidson. Actions and Events*. Oxford: Clarendon Press, 1985, p. 115-135.

3 Cf. ROTENSTREICHT, N.; SCHNEIDER, N. (Eds). *Spinoza, his Thought and Work*. Jerusalen: Israel Academy of Sciences and Humanities, 1983.

publicado em língua francesa.⁴ Com a edição inglesa, mais completa e recente, observa-se melhor que boa parte do livro tem ressonâncias de outras publicações anteriores deste pensador. Inclusive é possível ler alguns parágrafos que recordam nitidamente outros livros ou artigos já publicados previamente. Este fenômeno pode ser visto, por exemplo, quando expõe os tipos de análise filosófica, as características da estrutura conceitual, o problema dos “fundamentos” do conhecimento, a noção de verdade ou a causalidade na percepção.

Linguagem e conhecimento estão na base da concepção filosófica desenvolvida por Strawson. Eles entrelaçam-se na hora de explicar o esquema conceitual real, que é o tema de investigação atribuído ao metafísico, pois, “os conceitos do real não podem ter significado para quem os usa, senão na medida em que se relacionam direta ou indiretamente com a possível experiência do real”.⁵ Para Strawson, a elucidação de conceitos é a tarefa do filósofo, em geral, e do metafísico, em particular. Este trabalho dá unidade a seu novo livro, uma publicação que nasce com o propósito de oferecer uma introdução à Filosofia. Os temas metafísicos são tratados nessa obra a partir do marco descritivo traçado em *Individuals*,⁶ isto é, como um esclarecimento da estrutura conceitual que o sujeito de experiências, o usuário da linguagem ordinária, possui. A elucidação filosófica de conceitos proporciona as condições necessárias e suficientes para a aplicação correta do conceito.⁷

“Elucidação” é o termo escolhido para evitar a frequente associação de “análise” com o modelo filosófico que sugere a ideia de decompor um todo em suas partes, o complexo em simples. Strawson introduz *elucidation*, que corresponde a uma forma de entender a atividade analítica, após descartar que a análise filosófica tem de seguir sempre a direção de ir até o mais simples.⁸ Ele abandona a noção de “simplicidade perfeita”, pois os conceitos não se encaixam no modelo reduutivo: devem ser vistos sempre conectados com outros. Além disso, ressalta a unidade do trabalho filosófico de modo que as principais áreas da Filosofia trabalham em um âmbito comum. De acordo com Strawson, “a Teoria geral do Ser (Ontologia), a Teoria geral do Conhecimento (Epistemologia), e a Teoria geral da Proposição, do que é verdadeiro ou falso (Lógica), não são senão três aspectos de uma única investigação”.⁹

4 STRAWSON, P. F. *Analyse et Métaphysique*. Paris: Vrin, 1985.

5 *Analysis and Metaphysics*, p. 52.

6 STRAWSON, P. F. *Individuals. An Essay in Descriptive Metaphysics*. London: Methuen, 1959.

7 “Tanto as condições que devem ser satisfeitas para o conceito ser corretamente aplicado, como as condições estipulando que o conceito deve ser corretamente aplicado se essas condições forem satisfeitas”. *Analysis and Metaphysics*, p. 18.

8 Cf. *Ibidem*, p. 19.

9 STRAWSON, P. F. *Analysis and Metaphysics*, p. 35.

A partir da perspectiva da própria Filosofia de Peter Strawson, a despeito, portanto, de sua índole introdutória, *Analysis and Metaphysics* aparece como uma obra da maturidade. Reúne temas centrais de sua investigação, que são apresentados com grande clareza; além disso, fornece nuances que contribuem para delimitar melhor os termos de sua investigação. Recupera-se a linha de argumentação da primeira parte de *Individuals* (o esquema conceitual e os particulares básicos) e a experiência é vista em consonância com *the principle of significance*,¹⁰ o eixo teórico de *The Bounds of Sense*, seu ensaio sobre Kant. Vincula-se também com os temas da percepção, causalidade e compreensão da estrutura da linguagem (Semântica estrutural) expostos em *Freedom and Resentment*,¹¹ especialmente há uma significativa continuidade entre o artigo que dá título à compilação e o capítulo *Liberdade e necessidade*.¹² Além disso, coerentemente com o exposto em *Skepticism and Naturalism*,¹³ o livro que apareceu no mesmo ano que a edição francesa, questiona o ceticismo, e o descarta como um enfoque inadequado do conhecimento.

Tematicamente, a articulação dos conteúdos do novo livro gira entorno da exposição da estrutura conceitual. A visão geral da Filosofia repousa na necessidade de elucidar conceitos, descartando a análise redutiva ou atômica e criticando a análise meramente terapêutica. Com efeito, Strawson considera que o projeto de encontrar conceitos ou significados absolutamente simples, livres de complexidades conceituais internas, é “implausível”.¹⁴ Ele distancia-se assim do sentido de “análise” que teve vigência em algumas orientações de pensamento, entre as quais destaca o Atomismo Lógico e, em parte, o Neopositivismo.¹⁵ Discute também a validade geral da análise como *terapia*. Porque, ainda quando admite que essa abordagem pode ter algumas potencialidades, parece-lhe “exagerada e unilateral”.¹⁶ É por isso que ele situa em um lugar certamente secundário a ideia

10 “Não pode haver nenhum uso legítimo, nem inclusive com sentido, de ideias ou conceitos se não se coloca os mesmos em relação com as condições empíricas ou experimentais de sua aplicação. Se o que desejamos é utilizar um conceito de certa maneira, mas somos incapazes de especificar o tipo de experiência-situação a que se aplicaria o conceito, usado desta maneira, então, realmente, não estamos fazendo nenhum uso legítimo do conceito em questão. Usando-o desta forma, não somente estamos dizendo o que não sabemos, senão que não sabemos o que estamos dizendo”. STRAWSON, P. F. *The Bounds of Sense. An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. London: Methuen, 1966, p. 16.

11 STRAWSON, P. F. *Freedom and Resentment and Other Essays*. London: Methuen, 1974.

12 Cf. *Analysis and Metaphysics*, p. 138.

13 STRAWSON, P. F. *Skepticism and Naturalism: Some varieties*. N. York: Columbia University Press, 1985.

14 Cf. *Analysis and Metaphysics*, p. 20.

15 Cf. STRAWSON, P. F. “Carnap’s views on constructed Systems versus Natural Language in Analytic Philosophy”. In: SCHILP, P. A. *The Philosophy of Rudolf Carnap*. La Salle (Illinois): Open Court, 1963, p. 503-518.

16 *Analysis and Metaphysics*, p. 3. Pouco tempo depois da publicação do célebre livro de Wittgenstein, teria escrito: “No entanto, se *começamos* com um propósito terapêutico, nosso interesse poderia não se esgotar quando esse propósito é alcançado; e pode haver uma investigação da lógica de conjuntos de conceitos, que comece sem nenhum outro objetivo senão o de separar e por ordem nas complexidades, pelo simples gosto

wittgensteiniana segundo a qual “o tratamento filosófico de uma questão é como o tratamento de uma enfermidade”.¹⁷

Como modelo filosófico prefere a *elucidação* conceitual, o estudo dos conceitos em termos de conexões, pois mantém que é “mais realista e fértil” que a análise redutiva.¹⁸ Opta pelo modelo de rede conceitual, onde os conceitos estão conectados uns com os outros: a elucidação do conceito de “conhecimento” requer o conceito de “percepção sensorial”, e para explicar as características deste último necessitamos do primeiro. O *connective model* sustenta que a aquisição de conceitos teóricos das disciplinas especiais supõe a posse de conceitos pré-teóricos da vida ordinária e baseia-se nela.¹⁹ Entre aqueles que pertencem ao uso ordinário, Strawson interessa-se pelos que reúnem três características: ser altamente gerais; impossibilidade de decompô-los (isto é, resistência à definição redutiva); e não ser contingentes.

Dentro do modelo conectivo aceita-se que a linguagem ordinária é um ingrediente fundamental, ainda quando se reconhece que há diferenças entre os termos filosóficos e os ordinários. Pois, o filósofo ocupa-se do aparato conceitual ordinário, mas dá sentidos diferentes a algumas palavras e amplia seu campo, pois lhes confere uma maior generalidade (por exemplo, “percepção”, “particular”, “geral”, “propriedade” e “proposição”). Assim, a elucidação proposta para estudar as interconexões entre as noções irreduzíveis que formam a estrutura de nosso pensamento alcança os conceitos de “tempo”, “mudança”, “verdade”, “identidade” ou “conhecimento”, que aparecem no uso ordinário, enquanto são básicos na estrutura de pensamento.²⁰ Com este enfoque da elucidação filosófica, das conexões conceituais, Strawson fornece novas nuances dentro de um marco que já havia sido descrito em *Construction and Analysis*²¹ e em *Analyse, Science et Métaphysique*.²²

Embora existam notáveis vínculos, seu distanciamento a respeito da concepção geral da Filosofia e do tipo de análise proposto nas *Philosophische Untersuchungen* parece mais claro que em escritos anteriores. Em alguns aspectos já existia e incidia diretamente na índole

de fazer isso. Mas, à medida que cresce o desejo de apresentar os fatos sistematicamente, os fins terapêuticos tornam-se secundários.” STRAWSON, P. F. *Wittgenstein's Philosophical Investigations*. Mind, v. 63, 1954. In: *Freedom and Resentment and Other Essays*, p. 143.

17 WITTGENSTEIN, L. *Philosophische Untersuchungen*, edição de G. E. M. Anscombe e R. Rhees, traduzida ao inglês por G. E. M. Anscombe: *Philosophical Investigations*. London: Blackwell, 1953, n. 255.

18 Cf. *Analysis and Metaphysics*, p. 19.

19 Cf. STRAWSON, P. F. *Ibidem*, p. 21.

20 Cf. *Analysis and Metaphysics*, p. 24.

21 STRAWSON, P. F. *Construction and Analysis*. In: AYER, A. J. *The Revolution in Philosophy*. London: Macmillan, 1956, p. 97-110.

22 STRAWSON, P. F. *Analyse, Science et Métaphysique*. In: BECK, L. (Ed). *La Philosophie analytique*. Paris: Editions de Minuit, 1962, p. 105-138.

descritiva da tarefa proposta.²³ Agora se reforça, ao ressaltar a limitação intrínseca da Filosofia entendida como atividade terapêutica e ao interpretar a analogia que este pensador estabelece entre terapia e tratamento filosófico como exclusão da possibilidade de uma teoria geral. De acordo com isto, L. Wittgenstein ficaria com as “formas de vida” como o básico, ao mesmo tempo que parece admitir que nada poder-se-ia dizer a respeito das *conexões* entre as formas de vida. Strawson questiona tal exclusão desde um ponto de vista temático e busca precisamente os nexos do real a partir do esquema conceitual. Strawson propõe isso a partir da consideração de Immanuel Kant como o filósofo que fez o esforço mais sério para estabelecer como necessária uma certa estrutura conceitual,²⁴ ao mesmo tempo que considera como inaceitável a doutrina do idealismo transcendental.²⁵

A novidade do novo livro em relação aos anteriores é a sintonia que Strawson apresenta entre sua concepção de metafísica e a caracterização da Filosofia por parte de G. E. Moore.²⁶ Esta proximidade a um dos principais autores da Tradição analítica constitui um matiz importante: supõe ressaltar o papel do *Common Sense*, linha temática coerente com outras publicações suas. Contrasta, em compensação, com o fato, observado no começo de seu ensaio de Metafísica descritiva – *Individuals*²⁷ –, de mencionar somente Aristóteles e Kant entre os que tentaram desenvolver uma atividade semelhante à que ele propõe. Entretanto, o novo elemento não é totalmente original: reforça a ideia de um “naturalismo doutrinário” em seu pensamento – consonante com seu “naturalismo linguístico” –,²⁸ pois comporta seguir aceitando – talvez de modo mais claro ainda – as consequências filosóficas derivadas da descrição da linguagem ordinária. Pois admitir que esta linguagem é adequada para a tarefa filosófica – que é correta tal como está – inclui, em princípio, a aceitação do enfoque do senso comum.

Strawson assinala explicitamente que essa Filosofia do *Common Sense*, entre as classes de *coisas* mais importantes que há, situa em primeiro lugar os objetos materiais ou físicos, e põe em segundo lugar os atos ou estados de consciência. Ambos os aspectos lembram diretamente *Particulars*, a parte I de *Individuals*; é por isso que insisto na convergência com Moore. Este menciona entre os tipos de *fatoss* mais importantes destas classes de coisas estudadas pela Filosofia que “ao menos a primeira destas classes de coisas

23 Cf. GONZÁLEZ, W. J. *La Teoría de la Referencia. Strawson y la Filosofía Analítica*. Salamanca-Murcia: Ediciones Universidad de Salamanca y Publicaciones Universidad de Murcia, 1986, p. 256.

24 Cf. *Analysis and Metaphysics*, p. 26.

25 Cf. *Ibidem*, p. 73; Cf. STRAWSON, P. F. *The Bounds of Sense, passim*; em especial, p. 235-273.

26 Cf. MOORE, G. E. *Some Main Problems in Philosophy*. London: Allen and Unwin, 1953.

27 Cf. *Individuals*, p. 9.

28 Cf. *La Teoría de la Referencia*, p. 254.

estão no espaço e que estes dois tipos de coisas estão no tempo”.²⁹ Para Moore, o que os filósofos tem feito de mais interessante e importante consiste em proporcionar uma descrição de *todo* o Universo; e afirma que não há outro tipo de conhecimento que tenta dizer que determinadas classes de coisas são as *únicas* que há no Universo, ou que nós sabemos que estão nele.³⁰

Mediante a ênfase na *descrição* se reforça a sintonia com este pensador. Em minha opinião, a proximidade entre ambos é maior que a existente com Aristóteles e Kant, pelo menos no que diz respeito à tendência filosófica de fundo. O próprio Strawson, em uma comunicação pessoal recente,³¹ diante da pergunta de se a denominação de “empirista pós-kantiano” era a mais adequada para caracterizar seu pensamento, assinalava sua proximidade a G. E. Moore. Tinha reservas a respeito da expressão *empirista pós-kantiano*, pois entendida literalmente poderia levar a uma relação com posições neopositivistas – como as defendidas por A. J. Ayer – que não compartilha. Admite, em compensação, um “empirismo moderado” (como também – assegura – um “racionalismo moderado”), mas não à moda dos empiristas clássicos, a quem critica no novo livro,³² às vezes com contundência; seu empirismo está mais próximo das posições mooreanas do “senso comum”.

Em *Analysis and Metaphysics* ocupa-se em evitar uma possível objeção de proximidade com este pensador, pois

onde Moore fala das classes de *coisas* mais gerais que *existem* no Universo, eu falo dos conceitos ou conceitos-tipo mais gerais que formam parte do esquema ou estrutura de ideias ou conceitos que empregamos *ao pensar e ao falar* acerca de coisas no Universo. Mas quero dizer, em primeiro lugar, que esta diferença – embora real – não é tão grande como poderia parecer; e, em segundo lugar, sugerir – na medida em que é real – que há razões para preferir este estilo conceitual de falar. Porque falando sobre nossa estrutura conceitual, a estrutura de pensamento acerca do mundo mais que, por assim dizer, diretamente sobre o mundo, mantemos um firme domínio de nosso próprio procedimento filosófico, uma clara compreensão do que estamos fazendo.³³

Coerentemente com esta caracterização da tarefa metafísica, não mudou sua rejeição frontal do compromisso ontológico de W. V. Quine. Ele o critica expressamente na esteira da referência e predicação.³⁴ Também é particularmente viva sua rejeição da experiência entendida ao modo do empirismo Clássico, principalmente o representado por David Hume.

29 *Analysis and Metaphysics*, p. 32.

30 Cf. MOORE, G. E. *What is Philosophy? In: Some Main Problems in Philosophy*, p. 1-2.

31 Carta de 14 de setembro de 1992.

32 Cf. *Analysis and Metaphysics*, p. 56, 64, 73, 118 e 122.

33 STRAWSON, P. F. *Ibidem*, p. 33.

34 Cf. *Analysis and Metaphysics*, p. 41-50.

Como alternativa insiste na contribuição de Kant para a Teoria do Conhecimento, que – em sua opinião – libertou a conexão entre juízo, conceito e experiência dos erros dos empiristas clássicos e atomistas.³⁵ Há continuidade também na crítica à Semântica proposta por Donald Davidson, assim como na divergência a respeito de seu enfoque da Teoria da Ação.³⁶

Assim, Sir Peter Frederick Strawson, Professor emérito e *Honorary fellow* dos Colégios oxonienses de St. John, University e Magdalen, oferece neste livro uma síntese de suas ideias filosóficas. Pertencem basicamente ao período de 1968-1987, tempo em que desenvolve sua atividade docente como Waynflete Professor (cátedra de Metafísica da Universidade de Oxford). Sua posição de fundo caracteriza-se por um deliberado afã de moderação. Rejeita por isso as posições extremas em Filosofia,³⁷ como algumas propostas do Empirismo Clássico, ao qual qualifica de “mentalismo desenfreado” (*unbridled mentalism*), e o externalismo – o subjetivo e a vida mental são problemáticos –, que denomina “fiscalismo desenfreado” (*unbridled physicalism*)³⁸ e que parece associar ao enfoque quineano. Além disso, adota uma disposição conciliatória diante de concepções frequentemente contrapostas, como a Teoria da verdade como Correspondência e a Teoria da Coerência.³⁹

Apesar do título do livro, a relação entre *análise e metafísica* não fica totalmente traçada. Por um lado, evita a via negativa ao introduzir o termo “elucidação”, pois se distancia dos pontos de vista sobre a atividade analítica que dificultam os nexos entre ambos: Strawson rompe amarras a respeito da análise redutiva e restringe a tarefa terapêutica. Mas, por outro lado, percebe-se um déficit na via positiva: há certo salto entre a elucidação de conceitos presentes na linguagem ordinária e a tarefa metafísica. Porque esta incorpora sentidos novos aos termos já conhecidos e amplia o campo de aplicação dos mesmos. De fato, anteriormente havia advertido que a análise, incluindo a descritiva, poderia não ser suficiente para a tarefa da Metafísica.⁴⁰ Em *Analysis and Metaphysics* tampouco se explicita a passagem da elucidação de conceitos da linguagem ordinária para a elaboração de uma Metafísica em consonância com ela. Ao mesmo tempo se reconhece que pode não ser indispensável a análise da linguagem, quando se objetiva resolver questões filosóficas concretas.⁴¹

Se em *Individuals* a tarefa metafísica descritiva concedia um lugar importante ao conceito de “pessoa”, criticando abertamente a posição cartesiana e a Teoria não possessiva

35 Cf. *Ibidem*, p. 53.

36 Cf. *Analysis and Metaphysics*, p. 103-106 e 135.

37 “Posições extremas raramente estão corretas”. *Analysis and Metaphysics*, p. 5.

38 Cf. *Analysis and Metaphysics*, p. 77.

39 Cf. *Ibidem*, p. 83.

40 Cf. GONZÁLEZ, W. J. *La Teoría de la Referencia*, p. 257-258.

41 “Um exame exaustivo do uso corrente nesse ponto seria um exercício que, embora interessante e proveitoso, não é talvez indispensável”. *Analysis and Metaphysics*, p. 111.

do eu, agora sua nova publicação o deixa num segundo plano: não recebe um tratamento explícito: ao mesmo tempo reitera sobre os “corpos” – o outro particular básico – as ideias fundamentais contidas em seu ensaio de Metafísica descritiva. A respeito da *pessoa* permanecem as ideias de fundo, aquelas que o levam a questionar o dualismo de Descartes ou o monismo que dissolve o sujeito em um conjunto de experiências. Assim, continua como pano de fundo o conceito de pessoa como logicamente primitivo.⁴² A nuance que *Analysis and Metaphysics* oferece está em rejeitar tanto o internalismo como o externalismo, de modo que o interior e o exterior devem ser atribuídos a um mesmo sujeito.

Por “internalismo” entende a posição que trata os pensamentos, sensações e experiências internas dos sujeitos como séries de entidades privadas (*private entities*) não problemáticas, enquanto considera que o mundo físico é problemático. Em compensação, a abordagem do “externalismo” consiste em tratar como não problemático o mundo dos objetos físicos públicos, isto é, os corpos movendo-se e interagindo no espaço; em contrapartida, vê a vida mental – o interior – como problemática.⁴³ Diante desses extremos, a perspectiva strawsoniana sobre o sujeito de experiências propicia uma alternativa: a articulação do interior com o exterior; combina o subjetivo com o objetivo, que leva a descartar os excessos do mentalismo (racionalista e empirista) e os defeitos do behaviorismo (tanto skinneriano como quineano).

Sobre a noção de “verdade”, um dos conceitos centrais nas relações entre análise e metafísica, seu enfoque aparece no novo livro com características que tornam evidente uma mudança progressiva em relação às publicações anteriores. Em seu primeiro artigo sobre o tema, a verdade aparecia caracterizada em termos de *redundância*: dizer de um enunciado que é “verdadeiro” não supõe dizer algo mais *sobre* o expressado. É somente um mecanismo para confirmar, subscrever, admitir ou mostrar o acordo com o que alguém disse; não é fazer asseveração adicional; ‘é verdadeiro’ não tem uma função assertórica.⁴⁴ Pouco depois, em um segundo artigo acerca da verdade, seu ponto de polêmica com J. L. Austin, Strawson assinala que a “Teoria da correspondência não requer purificação, mas eliminação”.⁴⁵ Mais tarde, escreve que

42 Cf. GONZÁLEZ, W. J. “La primitividad lógica del concepto de persona”. *Anales de Filosofía*, v.1, 1983, p. 79-118.

43 Cf. *Analysis and Metaphysics*, p. 74-75.

44 Cf. STRAWSON, P. F. Truth, *Analysis*, v. 9, 1949. In: MACDONALD, M. (ed). *Philosophy and Analysis*. Oxford: Blackwell, 1954, p. 272.

45 Cf. STRAWSON, P. F. Truth (II). *Proceedings of the Aristotelian Society*, vol. sup. 24, 1950. In: STRAWSON, P. F. *Logico-linguistic Papers*. London: Methuen, 1971, p. 190.

o objetivo de um juízo é a verdade; e um juízo determinado ou uma crença é verdadeira somente na medida em que as coisas são como quem sustenta essa crença, ou emite o juízo desse modo, mantém que são. Esta é a *banalidade* contida em algo que se chama Teoria da verdade como correspondência. É como as coisas são no mundo ou na realidade, ou de fato, aquilo que determina se nossas crenças ou juízos, e as proposições que afirmamos ao expressá-las, são verdadeiros ou falsos.⁴⁶

Ora, tanto no capítulo *Logic, Epistemology, Ontology* como no intitulado *Truth and Knowledge*, não se menciona a noção de verdade como “redundância”, enquanto que são frequentes as alusões à ideia de “correspondência”. Assim, além de reiterar literalmente frases da citação anterior de *Subject and Predicate in Logic and Grammar*,⁴⁷ adverte que a correspondência pode ser correta para uma parte fundamental e importante de nossos juízos ou crenças, mas não talvez para todos (por exemplo, em Lógica e Matemática Pura podem-se gerar estruturas que, para sua validade, sejam independentes das coisas tal como são na realidade).⁴⁸ Considera também que a imagem de um conflito irreconciliável entre “correspondência” e “coerência” é implausível; é por isso que busca harmonizá-las.

Strawson destaca que, para abordar o problema da verdade – e, conseqüentemente, essas posições – há várias afirmações que são evidentes, pontos que – em sua opinião – não suscitam controvérsia alguma. 1) As crenças de cada um dos que usam conceitos se baseiam, em parte, na *experiência pessoal* da realidade acerca da qual versam suas crenças. 2) Um grande número de crenças sobre a realidade objetiva dos usuários de conceitos procedem das informações de outros: não se baseiam na experiência pessoal da realidade acerca da qual versam suas crenças. 3) Quem usa os conceitos inclui crenças gerais a respeito de conceitos de coisas objetivas que conservam identidade através da mudança e que proporcionam a estrutura espaço-temporal do mundo objetivo. Sem a posse de crenças gerais que condicionem expectativas, o mundo não poderia ser o teatro das ações, o âmbito ao qual se dirige a ação. 4) Deve ser possível que as crenças estejam em conflito com outras crenças. 5) As crenças devem de ser coerentes, ou seja, exige-se harmonia dentro do sistema das próprias crenças. 6) É em relação com o pano de fundo geral do corpo de crenças que se coloca a questão sobre admitir ou não um novo candidato.⁴⁹

Quando se aceitam estes pontos, as Teorias da verdade como Correspondência e como Coerência apresentam diferenças que, segundo Strawson, são somente de ênfase. Como a divergência não é de base, cabe – em sua opinião – levar em conta as contribuições de ambas,

46 Cf. STRAWSON, P. F. *Subject and Predicate in Logic and Grammar*. London: Methuen, 1974, p. 14.

47 Cf. *Analysis and Metaphysics*, p. 51.

48 Cf. *Ibidem*, p. 51-52.

49 Cf. STRAWSON, P. F. *Ibidem*, p. 83-85.

pois viriam a ser de certo modo complementares. Por um lado, o teórico da correspondência insiste na característica fundamental de cada sistema individual ou estrutura de crença, ou seja, que existem sistemas ou estruturas de crença *acerca de* uma realidade concebida como algo que existe independentemente daquelas crenças particulares que versam sobre ela. E, por outro lado, o teórico da coerência insiste na interdependência das partes da estrutura e no aspecto que não cabe corrigir uma crença sem modificar outra; ressalta que nossas estruturas de crença são *estruturas de crença*.⁵⁰ Considera, pois, que há virtude nas duas insistências, de modo que – diante da posição habitual – cabe maximizar ambas.

Sua abordagem enfoca a verdade – algo que é, em princípio, objetivo – a partir de um elemento – a crença – que cabe caracterizar, também em princípio, como subjetivo ou intersubjetivo. Este enfoque não é novo em Strawson, pois em *Meaning and Truth* já ressaltava que “a referência direta ou indireta à expressão-de-crença é inseparável da análise de dizer algo verdadeiro (ou falso)”.⁵¹ Esta afirmação já lhe parecia então compatível com o que parece constituir o eixo da correspondência: “Quem faz um enunciado ou realiza uma asseveração enuncia algo verdadeiro se e somente se as coisas são, ao fazer o enunciado, como ele enuncia que são”.⁵² Todavia, o peso de sua posição repousava – e repousa – sobre bases pragmáticas, combinadas com uma vertente psicológica, e não se apoia em um suporte semântico; é por isso que sua perspectiva acaba sempre ressaltando mais o subjetivo e intersubjetivo que o objetivo, inclusive quando trata da verdade.

Analysis and Metaphysics constitui um exemplo claro do trabalho filosófico de P. F. Strawson. Põe em relevo sua opção em favor de um *naturalismo* a respeito do elucidado conceitualmente, como resultado de aceitar a vigência da linguagem ordinária para fazer Filosofia. É um “naturalismo” compatível com o *Common Sense*, que não propicia uma redução filosófica, mas a harmonia do interior e o exterior, do mental e o comportamento. Segue de fato uma direção oposta ao reducionismo. Porque, em consonância com a preocupação wittgensteiniana pela filosofia como descrição e o interesse pela linguagem ordinária – que é uma *linguagem de ação* – tende a não reduzir o campo conceitual para alcançar o ideal da simplicidade. Busca a descrição dos conceitos que configuram nossa estrutura de pensamento acerca do mundo, começando pelos mais gerais e básicos. Trata assim de descrever o real atendendo a sua presença no esquema conceitual. É, pois, uma

50 Cf. *Analysis and Metaphysics*, p. 86.

51 STRAWSON, P. F., *Meaning and Truth*. Oxford: Oxford University Press, 1970. In: STRAWSON, P. F. *Logico-Linguistic Papers*. London: Methuen, 1971, p. 189.

52 STRAWSON, P. F. *Meaning and Truth*, p. 180.

Metafísica centrada nos conceitos, aqueles que formam parte do aparato intelectual do sujeito de experiências diante de um mundo objetivo configurado espacial e temporalmente.